



Representação-afeto na obra de André Green

Luciane Falcão*, Porto Alegre

O autor apresenta, de forma resumida, alguns dos principais aspectos referentes à teoria do afeto na obra de André Green. O representante-afeto tem importância crucial no arcabouço teórico da metapsicologia do aparelho psíquico proposta por André Green. A partir de O discurso vivo, Green irá propor um status de representação para o afeto, ao mesmo tempo em que a heterogeneidade do significante é crucial e permite uma teoria generalizada das representações. O artigo apresenta pontos importantes nas reflexões de Green sobre o afeto como a indissociabilidade quantidade/qualidade, natureza do afeto consciente-inconsciente, afeto e linguagem ou o discurso vivo, indiscriminação afeto-representação.

Descritores: André Green, afeto, representante-afeto, moção pulsional, aparelho psíquico.

* Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



A ilha, estou na ilha, nunca deixei a ilha, coitado de mim. Pensei ter entendido que passara a vida a dar a volta ao mundo, em caracol. Errado, é na ilha que não paro de girar. Não conheço mais nada, só a ilha. Ela também não, não a conheço, nunca tendo tido forças para encará-la. Quando chego à costa, retorno, para o interior. Não é uma espiral, o meu caminho, aí também me enganei, mas círculos irregulares, ora bruscos e breves, como uma valsa, ora de uma amplidão de parábola, abarcando turfeiras inteiras, ora entre os dois, em alguma parte e direcionados invariavelmente não importa como, segundo o pânico do momento. Mas na época de que falo já tinha acabado essa vida ativa, não me mexo nem me mexerei nunca mais, a menos que seja sob o impulso de um terceiro (Beckett, 1953, p. 74).

Em 1970, em Paris, André Green apresenta o relatório do XXXº Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa¹ intitulado *O afeto* – tema que ele mesmo havia proposto – atribuindo a este uma função de *representação*. Seu posicionamento já vinha sendo manifestado e tomou voz de diferentes formas, sendo que duas se destacaram: em 1960, quando critica o *rapport* de Laplanche e S. Leclair (*L'Inconsciente, une étude psychanalytique*, apresentado no Colóquio de Bonneval e que acompanhava as ideias de Lacan), crítica essa que toma forma em 1962 em *O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea* (Green, 1962) e, em 1965, numa conferência realizada num dos seminários de Jacques Lacan, quando questionou *o objeto* (a) de Lacan (Green, 1966), de quem vinha tomando distância e cuja proposta de um *inconsciente estruturado como linguagem* já não aceitava. A *representação*, para Green, era um núcleo profundo da experiência analítica e senhora de um polimorfismo, portanto uma teoria de essência homogeneizante, que, sem a articulação entre o simbólico e o pulsional,

¹ Duas remarcas: (a) Na época, ainda chamado de *Congresso de psicanalistas de línguas romanas*; (b) relatório esse que dará origem ao livro *O discurso vivo* (Green, 1973).



lhe era inaceitável. Ao mesmo tempo, no decorrer de toda a sua obra, Lacan permaneceu presente nos seus escritos.

Neste período, em 1966-1967, publica *Narcisismo primário: estrutura ou estado* (Green, 1967), no qual introduz a teoria do *narcisismo negativo*. Introduz uma das suas ideias mais fecundas, a *estrutura enquadrante do eu*, resultado da edificação do sujeito não pela simples interiorização do objeto ausente, mas como resultado da *alucinação negativa* deste. A *estrutura enquadrante* surgirá da articulação entre o *duplo redirecionamento*, *narcisismo primário* e a *alucinação negativa da mãe*. A noção do *duplo redirecionamento das pulsões, modelo basal da psicanálise*, como ele se referia, é concebida como um movimento pulsional da organização narcísica primária – uma defesa anterior ao recalque, um processo mediador, de valor estruturante.

Green cunha frases que se tornaram clássicas da psicanálise contemporânea e que expressam definições dessas suas novas concepções como, por exemplo, “a mãe ocupa o lugar vazio da alucinação negativa e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito. O sujeito se edifica lá onde a investidura do objeto foi consagrada no lugar do seu investimento” (Green, 1967, p. 126), ou “o narcisismo é o apagamento do traço do Outro no Desejo de Um” (p. 127).

A *alucinação negativa*, proposta fundamental para a compreensão do seu pensamento, não é um conceito negativo unívoco e que se refira a uma experiência de falta, de ausência, de déficit. Sua proposta é que (e a considero um *clássico da psicanálise contemporânea*) “a alucinação negativa não é ausência de representação, mas representação da ausência de representação” (Green, 1973, p. 302). Sem esquecermos sua ressalva: “mesmo que o termo representação não passe aqui de um mal-menor, pois ela implica uma distância do sujeito, que está aqui, por definição, ausente. Trata-se muito mais de uma condição de possibilidade da representação, que da representação ela mesma” (ibid, p. 302).

A heterogeneidade do significante é outra noção importante que, junto destas e de outras noções articuladas neste momento, estão abrindo diques para um remanejamento das concepções psicanalíticas existentes sobre o afeto. Numa situação intermediária entre corpo e linguagem, o afeto terá uma função fundamental na teoria psicanalítica, com lugar e status de *representante*.

Do primeiro esboço desta teoria, que toma corpo em *O discurso vivo* (1973), passando por *Reflexões livres sobre o afeto* (1985) apresentado no *Colloque de Deauville* em 1984 e chegando ao relatório do Congresso da IPA, no Chile, em 1999 (Green, 2002a²), o que Green fez foi aumentar a complexidade do tema.

² N. A.: Há uma versão em português para esse artigo publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 3, 1998.



Lacan, Bion e Winnicott, além de Freud, obviamente, são referências para o desenvolvimento das suas teorias. Depois do *afeto*, Green irá se dedicar à problemática dos *limites*. Esta não poderia ter sido pensada sem a sua teoria do afeto.

O modelo apresentado implica num processo complexo que, como tal, é formado por vários elementos intrincados num dinamismo: ação conjunta da *alucinação negativa* e do *trabalho do negativo* no psiquismo, a *estrutura enquadrante*, a *dinâmica do duplo redirecionamento pulsional*, o representante-afeto, o representante-representação, o discurso-linguagem e o *cadre* [*setting*], todos os elementos articulando-se num processual em que o objeto é parte constituinte e em que Eros e pulsões de destruição estão presentes, de forma antagonista, mas permanentemente presentes, o investimento/desinvestimento como essencial e a função objetualizante e a desobjetualizante como parte desse processual dinâmico.

Portanto, discutir o tema *afeto em Green* de forma isolada seria extirpar um pedaço de uma obra, tirá-la de um contexto e certamente correr o risco de tornar o conceito incompreensível. Tratarei, neste artigo, apenas de alguns dos aspectos deste arcabouço teórico, aspectos que, do meu ponto de vista, são introdutórios para facilitar a compreensão do que se refere ao afeto, uma vez que seria impossível descrever e articular a expansão que o conceito merece, em Green, dentro do estudo de sua obra e mesmo na psicanálise contemporânea.

1. A indissociabilidade qualidade/quantidade

Green (1973) questiona a proposta de Freud a respeito dos afetos como processos de descarga. Para ele, já haveria a presença de uma *memória afetiva*, uma vez que as descargas deixam traços, ou seja, que as experiências que levaram a esta descarga memorizarão a própria descarga (Green, 2002b). Ele propõe a ideia da *afetação energética* (Green, 1973), inspirada em Freud (1895, 1917): um estado livre ou ligado desta energia específica do funcionamento dos regimes dos processos primários e secundários e dos movimentos de ligação e desligamento oriundos das ações de Eros ou das pulsões de destruição. O afeto como parte integrante das pulsões que são comandadas pelo princípio do prazer-desprazer. O aspecto quantitativo dos fenômenos afetivos não pode ser dissociado de sua dimensão singular qualitativa (Green, 1973). Resumindo, ele afirma: “A distinção entre aspecto objetivo (quantidade) e subjetivo (qualidade) pode conduzir a



desenvolvimentos relativamente independentes, mas sempre as duas dimensões estarão juntas” (Green, 1973, p. 226).

Haveria outro movimento – que poderia parecer paradoxal, mas que Green mostrará como duas modalidades – que permite distinguir no afeto (1) uma *descarga* orientada em direção ao interior do corpo e (2) *emoções* de dois tipos: percepções de movimentos internos – que já são a tradução do movimento corporal daquilo que se manifesta em nível psíquico – e sensações diretas de prazer e desprazer, que conferem ao afeto sua especificidade.

O afeto é concebido, então, como uma vivência corporal e psíquica podendo ter *qualidade específica* (Green, 1973; 2002b). A experiência corporal ocorrerá no momento em que houver uma *descarga interna* e, segundo suas palavras:

[...] é reveladora de um sentimento de existência do corpo na medida em que ela o arranca do silêncio. É testemunha de uma elevação do nível de investimentos corporais, a tensão se resolve na descarga. O corpo é aqui paciente e não agente, passivo e não ativo, espectador e não ator. O corpo não é o sujeito de uma ação, mas o objeto de uma paixão [...]. O afeto é olhar sobre o corpo afetado (Green, 1973, p. 220-221).

Se o afeto transbordar (*quantum*) a capacidade do eu, tanto no prazer quanto no desprazer, afetará a consciência, elucida Green, conforme o dito popular: *ficamos cegos pela paixão*. E, ao contrário, se a descarga é desprovida de afeto, ela não é registrada e o sujeito pode cair na dissolução, mesmo na perda da consciência.

Green chamará de *calibragem* esta modulação do afeto conforme as instâncias que dele se ocupam. Quanto mais os afetos estiverem próximos do polo corporal, mais próximos das determinações do id. Ou, quanto mais os afetos podem se manifestar até chegar à função de sinal, mais próximos do eu (Green, 2002a, 2002b). O afeto pode ser distribuído em duas categorias: uma integrada às cadeias das representações e que, neste caso, terá um valor de sinal; uma outra, que será fator de desorganização traumática – e que poderia estar relacionada com as duas formas de angústia descritas por Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926).

Princípio da simbolização primária

O princípio do prazer-desprazer, como dicotomia, permite a Green conceber o *princípio da simbolização primária* (Green, 1973): uma primeira categoria de experiência afetiva, com poder de divisão e de categorização da experiência afetiva



e, portanto, um tempo estrutural. Seria formada por mecanismos que não possuem a agilidade – nem as possibilidades combinatórias – das representações: as modalidades de ligação-desligamento-religação não abrem as mesmas possibilidades combinatórias que são próprias da representação. O princípio da simbolização primária entra em articulação com a identificação: se o representante-representação está relacionado com o mundo externo, isso situaria o representante-afeto no nível da indução afetiva do outro – a pulsão como força espontânea não pode vir senão por intervenção de uma mediação – o *outro*. Cabe à representação dar acesso ao especularizável, e essa mediação também pode servir para o circuito da identificação (Green, 1985).

As representações se ligam entre si por *concatenação*, enquanto o modo de ligação dos afetos é a *difusão*. A concatenação implica a redução da descarga, mas também e, sobretudo, da qualidade do afeto primário que, portanto, se secundariza (afeto secundário), permitindo os investimentos das cadeias das representações nas quais o afeto secundário ocupará seu lugar. Quando há o problema de excesso de difusão, estaremos diante de um transbordamento de afeto e perceberíamos essa difusão descontrolada fora da cadeia das representações, que seriam as forças que ultrapassam, animam ou mesmo que destroem o psiquismo (Green, 2002b).

2. Afeto: de natureza consciente e inconsciente

A questão sobre se um afeto é consciente ou inconsciente não é simples para a psicanálise, passando por indagações do tipo sob qual ótica vamos pensar o inconsciente? Primeira ou segunda tópica? Se inconsciente, não perderia sua qualidade? A qualidade do afeto seria somente reconhecida pela consciência? Na primeira tópica: o recalque constitui o inconsciente como sistema. Mas há uma ideia de Freud que chamará a atenção de Green – mesmo que a discussão seja datada – e servirá de ponto de partida para a compreensão do *afeto inconsciente*: “uma representação consciente abrange a representação-de-coisa acrescida da representação-de-palavra correspondente, ao passo que a *representação inconsciente é somente uma representação de coisa*” (Freud, 1915, p. 49, grifos meus). Portanto, para o inconsciente, a ligação entre afeto e representação será a ligação entre *afeto e representação-coisa*, ou seja, o inconsciente será constituído por afetos ligados à representação-coisa. A afinidade eletiva do afeto pela representação poderá ainda acentuar a ressonância afetiva do imaginário. A isso Green dará o nome de *célula do inconsciente*, dizendo que, se o inconsciente é



esta outra cena, certamente é porque o espetáculo está se apresentando e que, por isso, afeta o sujeito. Ali se amarra a relação do afeto e da fantasia, que proporcionará também algo mais viso-afetivo (Green, 1973).

A proposta é englobar, conceitualmente, na atividade representativa, os elementos do afeto consciente e inconsciente propondo chamá-los de representante-afeto, “o afeto será este resto que, da pulsão, não será reduzido pela representação *stricto sensu*” (Green, 1995, p. 316).

Quero destacar esse aspecto: *representação-afeto relacionada à representação-coisa*. Isso permite compreender como Green percebe o afeto, não só como o *quantum*/sensações (teoria freudiana), mas sim lhe conferindo o status de *representação*, ou, dito de outra forma, *o afeto tem uma ligação inconsciente com a representação-coisa*.

3. Representante psíquico da pulsão e representação-afeto

Green destacará:

[...] fragmentos do Id são constituídos de um material tal que a divisão em afeto e representação é impossível e que a *nível do Id, o afeto, indistinto da representação é irrepresentável. Ele está em busca de representação* [...] O que chamamos angústia (afeto) automática, resultado de uma descarga *in situ* a nível do Id que penetra no Eu por efração, é, de fato, um afeto-representação, onde nenhuma representação distinta é concebível (1973, p. 253-254).

E mais, que “a natureza profunda do afeto é de ser um acontecimento psíquico ligado a movimento em busca de uma forma” (Green, 1985, p. 100). Se esse *acontecimento psíquico* ocorrer, refere Green, então poderá haver a dissociação entre afeto e representação e a questão dos investimentos de objeto entram em campo. Essa discussão só pode ocorrer se estivermos nos baseando na segunda tópica e na noção de *moção pulsional*, na noção de *movimento*:

A moção pulsional é aquilo que dará origem ao afeto, assim que o encontro com a representação de objeto intervier. Dizer que o afeto é o produto derivado “de um movimento em busca de uma forma” (Green, 1985) implica concluir, com Freud, que esse representante psíquico da pulsão que busca satisfação vai mobilizar os vestígios das representações de objetos deixadas por experiências prévias de satisfação. Desse encontro entre as excitações



vindas do corpo periférico e da memória dinamizada dos objetos que trouxeram satisfação, vai nascer a diferenciação entre o representante-representação e o afeto, resultado da elaboração psíquica (Green, 2002a, p. 218).

Considero essa uma das mais importantes colaborações de Green na compreensão do que são os representantes psíquicos e o afeto e que se completa da seguinte forma:

O representante-representação é a representação de objeto investida pela parte do representante pulsional psíquico vindo do corpo, solicitando o que é exterior a si mesmo a fim de que uma mudança ocorra ao menos no psiquismo, ao passo que o afeto é a busca dinâmica daquilo que, partindo do corpo, retorna a ele, sendo portador de maneira imediata das expectativas, esperanças e temores com relação ao desejado encontro com o objeto (Ibid, p. 218).

Através de traços discretos de remodelações mais globais da teoria freudiana, Green (1973) propõe estender ao registro dos significantes psicanalíticos *o ato e os estados do corpo*, lhes dando “uma forma de existência nas relações do inconsciente e do id que poderia se compreender como destinos das moções pulsionais” (p. 314).

Para o autor em questão, o primeiro resultado da psiquização diz respeito ao *representante psíquico da pulsão*, que seria, de fato, um *representante-delegação* de natureza não representativa – ainda não é uma representação no sentido clássico, mas, sim, a representação de uma excitação endossomática, uma tensão.

Este *representante psíquico da pulsão* contém aquilo que poderá vir a ser o *representante-representação* – aqui, uma *representação* no sentido clássico – e o que ele chamará de *representante-afeto*:

Hoje eu diria, metapsicologicamente, que se quisermos considerar o produto da divisão do representante psíquico em representante-representação e representante-afeto, não seria ilegítimo de ver no afeto uma forma derivada do representante pulsional, aquela justamente que não pode dar conta pelas ligações entre os representantes-representações [...] e, no que me concerne, vejo o afeto no centro do sistema geral da representação, reconhecendo nele traços específicos e particulares (Green, 2002b, p. 177).



Em seu último livro, *Du signe au discours*, sem tradução ainda no Brasil, considera:

A pulsão tem representantes. Ela é um representante e ela tem representantes. É o que se precisa entender por representante-representação e afeto. Em suma, existe, para a representação inconsciente, um duplo sistema de representação. Saído do mundo exterior, é a representação de coisa e objeto, suscetível de promover a satisfação. E vindo do corpo, é o representante psíquico da pulsão que exige a satisfação. Enquanto não compreendermos a coalescência entre esses dois tipos de inscrição, nada se entende da psicanálise (Green, 2011, p. 43-44).

Para Green (1973), é no entrelaçamento entre a moção e a fantasia que a força e o sentido se intercambiarão e se apropriarão reciprocamente e que “[...] *deste quiasmo se origina a libido propriamente dita*³. Será ali onde a moção porta uma energia marcante e errante, a fantasia age como um vetor orientador e diretor, ali se dará a constituição de um desdobramento da libido objetal e narcísica” (p. 318).

As *fantasias originárias* – verdadeiros esquemas primordiais – serão pensadas por Green (1973) na dialética ontofilogenética; ele se utiliza das ideias dos traços mnésicos filogenéticos invocados por Freud, sem aderir à transmissão hereditária das cenas: “as fantasias originárias representariam a atualização, de duplo poder, econômico e simbólico, no aparelho psíquico. Elas não são representações, menos ainda conteúdos, mas sim mediações. [...] elas são aquelas pelas quais as representações e conteúdos advirão” (p. 316).

Peço licença ao leitor para mais uma citação longa, mas como o objetivo deste artigo é consolidar justamente a ideia de Green sobre o afeto, penso que o texto permite esse pequeno *excesso da escrita*:

É o lugar de um encontro que resulta dos efeitos das tensões surgidas do *objeto* e do *acontecimento*⁴. [...] Independente do que se passe, em nível dos seus efeitos, o afeto é tempo de revelação que o faz referência central do campo psicanalítico. Do lado do *acontecimento*, o que ocorre para

³ Grifos no original.

⁴ Green utiliza a palavra *événement*, que podemos traduzir por acontecimento, ou vivência, ou experiência, mas ele mesmo diz: “*Événement*: momento em que o espaço se circunda, se opacifica ou brilha bruscamente, em que o tempo se concentra e se intensifica, em que ele se congela ou que ele se precipita. É o que os ingleses chamam ‘experiência’, mas cuja tradução seria impossível, porque não é nem a experiência, nem o vivido” (Green, 1973, p. 297)



constituir o afeto é o suporte da fantasia; apreensão da fantasia, ou seja, poder do medo e da antecipação, lugar em que se trai o desejo, momento em que ele se desvela e se deforma. Do lado do objeto, o que se apresenta diante do afeto é a representação psíquica da pulsão e não o representante-representação. O ponto onde os vetores acumulam seus efeitos é o afeto, como força (*quantum*) e como experiência subjetiva. Como força, o afeto é o que sustenta esta cadeia de representantes-representações, é o que envia suas associações, é o que alimenta a energia necessária às operações do aparelho psíquico (Green, 1973, p. 301-302).

O termo afeto abarca, para ele, uma categoria ampla que, além de compreender as *sensações*, os *sentimentos*, as *emoções*, inclui os estados próprios do corpo, como a hipocondria ou a despersonalização, estados estes produzidos pela difusão afetiva, que atingem a organização do eu e não apenas uma modalidade de seu funcionamento. Inclui, também, os *representantes-atos* – atos sintomáticos, atos falhos, *actings* (dirigidos para fora ou para dentro, sendo, os psicossomáticos, atos para dentro) (Green, 1985).

Em *Ideias diretrizes* (2002b), Green mostra que a dificuldade da distinção entre representação e afeto segue existindo, mesmo tratando-se de estados reconhecíveis em pacientes extremamente regressivos – como os de estruturas não neuróticas – e tendo sido já descritas por vários autores como Winnicott (1966) (o *medo do colapso*), Bion (1959) (a *angústia sem nome*), Pierry Marty (1966) (a *depressão essencial*). Todas essas denominações poderiam ser compreendidas na indissociabilidade representação-afeto, inscrevendo-se nos conceitos de representante pulsional, representante psíquico da pulsão e moção pulsional de Freud a partir da segunda tópica.

4. O discurso vivo: afeto na linguagem

Green irá pontuar a forma de se pensar, metapsicologicamente, a integração do afeto na cadeia do discurso. Ele desenvolve a questão da linguagem na psicanálise mostrando a singularidade do discurso analítico: “a palavra psicanalítica desenluta a linguagem” (1985). Seguiu até o final de sua vida interessado neste *discurso*, prova disto é seu último livro publicado em vida: *Do signo ao discurso* (2011).

Para ele, a linguagem dos linguistas (sistema formal) estaria em oposição à linguagem psicanalítica. Esta, que ele chamará de *discurso*, é constituída pela



heterogeneidade de significantes, advindos da heterogeneidade dos materiais da atividade psíquica – pensamentos, representações, afetos, atos, estados corporais, investimentos energéticos variáveis que expressam estados de tensão qualitativa e quantitativamente diferentes tendendo à descarga (Green, 1973). Dirá que a palavra mais verbal, mais abstrata é o resultado de uma descarga. O que é dito é dito ao outro, e isso suscita um *novo* diante de outro *novo* (do outro, analista). Novos pensamentos, novas descargas. Green revela (1973):

Estes diferentes investimentos de pensamentos, esta elevação energética que invade a linguagem e pode desestruturá-la, a tal ponto que ela pode tornar-se ininteligível, reenviando ao indizível, é o retorno da primeira matéria corporal na linguagem. É o investimento da formalização pela substância. *O afeto é a carne do significante e o significante é a carne do afeto* (p. 239).

Para Green (1973), como *elemento do discurso*, o afeto se submeterá à cadeia deste discurso, se incluindo e se ligando aos demais elementos desta cadeia. Mas, se rompe com as representações, é este elemento do discurso que se recusa a se deixar ligar pela representação e ocupa o seu lugar. Aqui, uma *quantidade* de investimento acompanhará a mutação *qualitativa* (a indissociabilidade quantidade-qualidade). Green assinala que, neste momento, o afeto tem a capacidade de “sombrear, de apagar a cadeia do discurso numa não-discursividade, ou no indizível, podendo romper com a força do recalque e as capacidades de ligações do Eu” (1973, p. 286). Para Green, o afeto pode tornar-se “uma paixão cega e surda, arrasadora para a organização psíquica, o afeto de pura violência que atuará essa violência, reduzindo o eu a seus aspectos impotentes, obrigando-o a aderir inteiramente à sua força, subjugando-o na fascinação do seu poder” (ibid, p. 286). Assim, o afeto, atuador da violência, restitui ao id seu poder original, permitindo que as pulsões de destruição fiquem livres, já que o eu foi subjugado.

O discurso analítico que ocorre no *setting* [*cadre*] e comporta as forças do *mesmo* é considerado único, incomparável a qualquer outro tipo de discurso e remete a experiências nas quais muitas vezes a excitação, a fantasia, o pensamento entram em um fluxo. Tal fluxo conduz a um *desenquadramento* de seu modo habitual e atual, permitindo, muitas vezes, “encontrar os prazeres passados, tentando criar os que nunca puderam surgir, reavivando o vestígio das feridas ainda abertas pelo seu não acontecimento, ou renovando, às vezes de modo cruel, as angústias da solidão e do desamparo” (Green, 2002a, p. 210). Vale lembrar que o *cadre*, para Green, é elemento fundamental da sua teoria, ocupa status de *element*



tiers entre analista e analisando, *aparelho da linguagem* e será nele e através dele que ocorrerão as possibilidades da instalação desse discurso analítico.

Suas palavras, em seu último livro, significam muito: “Com o que a linguagem fala? Certamente não é somente com palavras, mas com palavras investidas de afetos, sustentadas por representações pulsionais conscientes e inconscientes e dinamizadas por moções que a animam” (Green, 2011, p 146).

5. A indiscriminação afeto-representação

Durante o 41º Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido no Chile em 1998, Green apresentou o relatório intitulado *Sobre a discriminação e indiscriminação afeto-representação* (2002a).

O título fala por si. É a continuação de *O discurso vivo* (1973), ampliando o questionamento sobre a distinção, nos pacientes não neuróticos, daquilo que se refere às representações e daquilo que se refere aos afetos. Será a clínica dos casos limites e da dificuldade de diferenciar até mesmo os afetos suscitados diretamente pelos pacientes ou pela contratransferência do analista: “mais do que uma construção de afetos, falaríamos de uma confusão de afetos, que não remetem mais à representação, mas ao irrepresentável” (2002a, p. 222). Serão análises que se caracterizarão pela ausência das chamadas *formações intermediárias*, os patamares entre a atividade psíquica pulsional, arcaica e a da comunicação consciente (ibid.).

Green propõe, então, o modelo dos *processos terciários* que induzem a relação dos processos primários e secundários, portadores de poderes autorreflexivos do eu. Destacará a importância da *mobilidade libidinal* entre os processos e a possibilidade de transformação desta energia: “O duplo jogo dos processos primários e secundários protege contra a tirania exclusiva de uns sobre os outros” (Green, 1972, p. 153).

Exemplifica: “Se relacionarmos *a* e *b*, a relação não é especificada por um terceiro termo *c*, mas pela ou pelas relações entre *a* e *b*. Se essa pede uma sigla, na escrita analítica, seria o *x*. Ficaria assim: *a(x)b* ou *b(x)a*” (ibid., 154). A condição básica para que *a* (processo primário) e *b* (processo secundário) funcionem é, portanto, a *relação*.

A ideia proposta é de se considerar que essas *formações intermediárias*, organizadas pelos processos primários, podem ser consideradas concomitantes à instauração dos autoerotismos.

Green mostrará – inspirado em Winnicott e Bion – que as possibilidades de



as *formações intermediárias* se ancorarem na organização psíquica dependem “da constância e da manutenção do investimento materno que sobrevive a todos os acasos das transformações da relação, até mesmo dos aspectos desta que podem comportar importantes cargas destrutivas” (Green, 2002a, p. 252).

O conceito de processos terciários é apresentado por Green durante um colóquio na Sociedade Psicanalítica de Paris e publicado pela primeira vez em 1972 como *Nota sobre os processos terciários* (1972a). Em 1995 reaparece publicado como o *Anexo D* em *Propedêutica* (1972b). Muito influenciado pelas ideias de Winnicott (1968, 1969, 1971), afirma que o objeto analítico não é nem interno (ao analisando ou ao analista), nem externo (a um ou a outro), porém é a *relação* entre os dois. Green dirá que existem três objetos que são os dois objetos separados e o objeto correspondente a sua reunião, o *terceiro analítico*. Esse conceito passará a fazer parte da psicanálise contemporânea e é reconhecido por diversos autores. Green dirá, por exemplo, que T. Ogden (1994), “retomando essas ideias, formou o conceito de *analytic third*, do qual ele se serve para a compreensão dos fenômenos que ocorrem durante a sessão” (2002b, p. 251).

Insistirá que, mesmo nas estruturas mais regressivas, mesmo nas psicóticas, uma relação sempre existirá. A experiência clínica com esses pacientes de estruturas não neuróticas revelou a ausência ou o caráter funcionalmente inoperante das formações intermediárias. Ou seja, é o Id que domina, não sendo fácil caracterizar o sistema defensivo destes pacientes, predominando neles a evacuação pelo ato ou a expulsão no somático assim como a projeção (Green, 1973).

Green descreve algumas das manifestações que revelam a ausência das formações intermediárias: a pobreza da vida fantasmática, o *atual* em estado bruto, o alucinatório (ao invés de tomar a forma onírica) vivenciado na vida em vigília, o transbordamento de estados afetivos de angústia, de depressão, de impotência, as variações da percepção do corpo.

Na clínica, as atuações sucessivas pontuarão as transferências, os sonhos raramente aparecem e a atividade fantasmática dificilmente surge na sessão. Se o que move uma análise é a transferência, sendo esta a facilitadora da ativação dos componentes psíquicos que estão em relação com o aspecto dinâmico dos processos, ou seja, o afeto, nestes pacientes, justamente, sua forma é um entrave à análise e à descoberta do que poderia veicular uma significação diferente. É por isso, afirma Green,

[...] que o acesso de um sujeito ao reconhecimento dos afetos inconscientes suscita resistências muito fortes, sobretudo na análise dos estados de prazer



inconsciente que se traduzem, sob o efeito do recalçamento, por um desprazer consciente (2002a, p. 227).

O objeto também sofre algo semelhante: falta-lhe a possibilidade de uma transicionalidade, passa de um estado de instância toda poderosa a uma negação da existência, nunca alcança uma forma aceitável, fica inacessível e inatingível. A fantasia fusional domina, ou o sujeito perde o objeto em se perdendo ele mesmo (1973, 2002b). Este aspecto está relacionado à articulação com a questão da identificação:

Deparamo-nos com estruturas de afeto ligadas a uma identificação, que ignora a que ela se identifica [...] pacientes que vivem numa espécie de reduto afetivo inviolável que eles chamam de buraco negro. [O buraco negro] é o espaço onde eles se fecham e do qual sair seria um perigo enorme (Green, 1985, p. 102).

Os fenômenos da alucinação negativa são desconcertantes, neles a ideia do buraco, do vazio toma conta. Há a presença da solidão trágica, dificuldade para suportar as frustrações da ausência, os pacientes permanecendo presos a uma destrutividade psíquica incontrolável. A denegação do afeto pode atingir formas extremas (Green, 2002a). Esses aspectos clínicos seriam exemplos em que afeto e representação estariam no mesmo tecido psíquico e indissociáveis, diferentemente daqueles em que o material pode ser recalçado (ibid).

A indiscriminação parece traduzir um sofrimento intransponível e se coloca a serviço de uma desorganização potencial. [...] Esse universo vivido pelos pacientes fica perto do pesadelo, a contratransferência do analista é particularmente penosa, oscilando entre a incompreensibilidade e o sentimento de estar prisioneiro de uma situação sem solução. Simetria da contratransferência refletindo a transferência (Green, 2002a, p. 238).

No congresso do Chile, em 1998, ou seja, quase três décadas após a apresentação no CPLF de 1970, Green sabia que essas ideias seguiam reticentes para muitos analistas, como Kernberg, Widlocher e outros. Porém os interrogava:

[...] reconhecemos a existência de fenômenos psíquicos que não pertencem à consciência e dos quais não podemos nos dar conta por meio de suas características em termos de representações inconscientes? Se sim, como



lhes dar uma validade teórica que lhes permita serem reconhecidos pela experiência clínica e como conceber a organização que os reúne? (Green, 2002a, p.219).

A insistência de Green situava-se – como toda a sua obra – na busca da montagem teórica para uma metapsicologia que amparasse sua experiência clínica. Como entender *L'enfant du ça?* (*A criança do isso?*) (Donnet & Green 1973). Como entender aquele paciente que chegou para a consulta e disse: “Eh, já no início teve um problema familiar, é que eu não sou do mesmo pai eh eh era eh é o senhor sabe é complicado e voilá minha mãe dormiu com o seu genro e sou eu o filho disso [*l'enfant de ça*] [...]” (p. 34)? Não delirava, não alucinava. Mas era filho disso... Esse foi um dos pacientes, o caso Z, que levaram Green e Donnet a descrever a psicose branca. Z forneceu a seu analista a contestação do modelo da escuta do investigador psicanalítico.

Uma síntese em forma de questionamento expressa a visão metapsicológica de Green, desenhada nas concordâncias e discordâncias com Freud:

a) “Se, para Freud, na *consciência* (Cs) haverá o desdobramento da representação em representação-coisa e representação-palavra, onde está o desdobramento em nível inconsciente? Ali somente há a representação-coisa?

b) Seria a *coisa* passível de desdobramento? Não. Eu acredito que o afeto é o desdobramento da representação-coisa, de representação-objeto.

c) E finalmente, o que é o afeto, ele é representante do quê?” (1985, 104).

Green relata que essa resposta encontra-se no *Esboço de psicanálise* (1938), última parte da obra de Freud, na qual evidencia a teoria das pulsões que transforma as pulsões sexuais em pulsões de vida, “momento em que Freud expande o campo da pulsão sexual, quando ele integra tudo: as pulsões de autoconservação, o narcisismo e as pulsões objetais e que ele acrescenta um ‘*a mais*’ que chama Eros ou pulsões de vida” (ibid., 105). Green cita Freud:

A maior parte do que conhecemos sobre Eros – e, portanto, sobre o que lhe serve de índice, a libido – foi obtida de um estudo da função sexual, que na verdade, para o público, mas não para nossas teorias, coincide com Eros (Freud, 1938, p 177).

De onde sua questão fundamental: “O afeto não seria o representante da pulsão de vida na função sexual?” (Green, 1985, p. 105).

Finalizando, no livro *La lettre et la mort* (2004), em uma entrevista apaixonante que Dominique Eddé conduz sobre os caminhos de Green pela



literatura junto a seus autores prediletos – Proust, Shakespeare, Conrad, James, Borges – o entrevistador é atraído pelo fato de que, nos livros que Green dedica a eles, a seus personagens ou mesmo quando se debruça na vida destes, o afeto é um elemento constante. D. Eddé também vinha assinalando o quanto Green é conhecido na França e internacionalmente pelo aporte de sua teoria sobre o afeto, ao que ele responde:

Eu não sou o homem do afeto. [...] estou feliz por preencher um vazio e um vácuo acerca de todas as produções teóricas e conceituais em que o afeto falta, sobretudo numa época do florescimento do estruturalismo. [...] Eu não sou um defensor do afeto contra o resto. Eu só peço o restabelecimento do seu lugar. E se alguma vez for necessário me definir como o homem de alguma coisa, eu diria que eu sou o homem do pulsional. O pulsional obrigando a incluir este afeto (Green, 2004, p. 49).

Penso que a psicanálise não será mais a mesma depois de André Green. Sua obra, como um dos grandes pensadores da psicanálise, está consagrada. As modificações e os aportes por ele instaurados modificam vários aspectos de nossa clínica. O afeto e o seu lugar como *representante* no aparelho psíquico são parte desses aportes como tentei resumir neste breve artigo. Talvez seu pensamento tenha tornado a própria imagem da *bande de Moebius* mais inteligível e com mais sentido do que na época em que foi proposta por Lacan. Para mim, ao menos, sem dúvida, pois sem a noção do duplo redirecionamento pulsional e da inclusão do afeto como representação, ou daquilo que do afeto fica em busca da representação, ou do que fica como irrepresentável, me seria impossível qualquer tentativa de busca de compreensão do funcionamento da mente de um paciente e do funcionamento das nossas mentes durante uma sessão analítica. Tomo essa imagem e esse modelo, do duplo redirecionamento pulsional, como modelo para utilizarmos as próprias teorias que nos são apresentadas. □

Abstract

Affect-representation in the work of André Green

The author presents, in a summarized way, some of the most important aspects concerning the theory of *affect* in the work of André Green. *Affect-representation* is crucial in the theoretic framework of the psychic apparatus metapsychology as proposed by André Green. From the *Live discourse*, Green proposes a status of



representation for affect, at the same time that the heterogeneity of the significant is crucial and allows a generalized theory on representations. The article presents important points in Green's reflections on affect, such as the inseparability of quantity/quality, nature of conscious/unconscious affect, affect and language or the *live discourse*, indiscrimination affect-representation.

Keywords: André Green, affect, affect-representative, instinctual impulse, psychic apparatus.

Resumen

Representación afecto en la obra de André Green

El autor presenta, de forma resumida, algunos de los principales aspectos referentes a la teoría del *afecto* en la obra de André Green. El *representante afecto* tiene importancia crucial en el marco teórico de la metapsicología del aparato psíquico propuesta por André Green. A partir de *El discurso vivo*, Green propondrá un status de *representación* para el afecto, al mismo tiempo en que la heterogeneidad del significante es crucial y permite una teoría generalizada de las representaciones. El artículo presenta puntos importantes en las reflexiones de Green sobre el afecto como la indisociabilidad cantidad/calidad, naturaleza del afecto consciente/inconsciente, afecto y lenguaje o el *discurso vivo*, indiscriminación afecto/representación.

Palabras llave: André Green, afecto, representante afecto, moción pulsional, aparato psíquico.

Referências

- Beckett, S. (1953). *O inominável*. São Paulo: Globo, 2009.
- Bion, W. (1959). Ataques à ligação. In : *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro : Imago, 1988, p. 87-100.
- Donnet, J. L. & Green, A. (1973). *L' enfant du ça*. Paris : De Minuit.
- Freud, S. (1895 [1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: S. Freud. *Edição standard brasileira de obras psicanalíticas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 395-517). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. (1915). O inconsciente. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, (Vol. 2, pp. 13-74). trad. L. A. Hans, Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1917). Conferência XXV: a ansiedade. In *Conferências introdutórias sobre psicanálise*.



Luciane Falcão

Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (Vol. 16, pp. 393-415). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In *Edição standard brasileira de obras psicanalíticas completas de Sigmund Freud*, (vol. 20, pp. 79-168). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1938). Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira de obras psicanalíticas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 22, pp. 151-222). Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Green, A. (1962). L'Inconscient freudien et la psychanalyse française contemporaine. In : *Les Temps Modernes*, p. 365-379.

_____. (1966). L'objet (a) de J. Lacan, sa logique et la théorie freudienne. In *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon, 1995.

_____. (1967). Narcisismo primário, estrutura ou estado. In *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris : De Minuit.

_____. (1972a). Note sur les processus tertiaires. *Revue Française de Psychanalyse*, 36(3).

_____. (1972b). Note sur les processus tertiaires. In *Propédeutique. La métapsychologie revisitée. Annexe D*. Seyssel: Champ Vallon, 1995.

_____. (1973). *Le discours vivant*. Paris : PUF.

_____. (1985). Reflexiones libres sur la représentation de l'affect. Cap. III. In *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon, 1995.

_____. (1995). *La causalité psychique: entre nature et culture*. Paris : Odile Jacobs, 1995.

_____. (2002a). Sur l'indiscrimination et l'indiscrimination affect-représentation. In *La pensée clinique*. Paris : Odile Jacobs.

_____. (2002b). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris : PUF, 2003.

_____. (2004). *La lettre et la mort*. Paris : Denoel

_____. (2011). *Du signe au discours*. Paris : Ithaque

Laplanche, J. & Leclaire, S. (1960). L'inconscient, une étude psychanalytique. In J. Laplanche, *Problématiques IV. L'inconscient et le ça*, p. 261-321, Paris : PUF, 1981.

Marty, P. (1966). La dépression essentielle. *Revue française de psychanalyse*, 30.

Ogden, T. (1994). *Subject of analysis*. New York : Jason Aronson Inc.

Winnicott, D. (1963). O medo do colapso. In *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. (1968). Les enfants et l'apprentissage. In *Conversations ordinaires*. Paris : Gallimard, coll. « Connaissance de l'inconscient », 1988, (trad. franç. de Brigitte Bost).

_____. (1969). L'usage de l'objet et le mode de relation à l'objet au travers des identifications. In *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris : Gallimard, coll. « Connaissance de l'inconscient », 2000.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 04/03/2013

Aceito em 17/04/2013

Revisão técnica de **Nazur Aragonez de Vasconcellos**

Luciane Falcão

Plínio Brasil Milano, 757/1204

Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: lufalcao@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA